

Partilha ou posse, ainda podemos escolher

De partilhar muitos tem receio. A ideia contraria hábitos antigos de uso exclusivo. Educados para possuir, entendemos com dificuldade a ideia de nada sermos donos para termos tudo que é preciso. Sendo certo que também ainda não percebemos que, como escreveu Agostinho: não somos nós que temos as coisas, mas elas que nos tem. Bastando olhar em volta: é um esforço sem fim para adquirir e conservar o que se adquiriu.

Pensou-se durante muito tempo que a industrialização poderia reduzir o trabalho braçal ou até libertar o homem deste paradigma. Poderia, mas era preciso que se quisesse. É que não basta por as máquinas a trabalhar para o homem: é preciso não por o homem a trabalhar para outros homens. Sendo preciso criá-lo livre.

Tal como estamos, somos educados a acreditar que é preciso produzir bens, consumi-los, e fazê-lo ininterruptamente.

Antigamente era o feudalismo. Depois, porque a terra perdeu valor face à cidade e aos confortos que lá havia, criou-se a pequena burguesia e desta chegou-se ao capitalismo. Agora estamos chegando à globalização que será a forma anónima de gerir o poder sem dar a cara - uma espécie de absolutismo autocrático e despótico.

Por esse mundo fora manifestam-se os revoltados contra a guerra, contra a globalização da economia, contra os direitos absurdos de uns sobre os outros. Simultaneamente assiste-se à desumanização progressiva do mundo e à morte de milhões que nasceram em África ou no Médio Oriente. Sabemos tudo isto, mas porque é de todos os dias, vivemos alheados e já nem pensamos.

Enquanto só lhes tocar a eles, compreendemos tudo. E pensamos, cada um para si próprio, que estas coisas acontecem em África ou na Ásia, não na Europa, não aqui. Na verdade acontecem onde tem de acontecer, como na Argentina a 1 de Dezembro de 2001 - e de repente foi a bancarrota porque o sistema faliu.

Analistas referem, desde os anos 80, uma grave crise de estruturas a nível mundial. Também por isso alguns países, mais industrializados, juntaram-se para fazer face à crise económica. É a razão de grupos com o G7, por exemplo.

São respostas à crise? Não exactamente! Antes tentativas de lhe passar ao lado, de a ignorar. Porque ninguém quer prescindir de coisa alguma, sobretudo na área do consumo. Na verdade, nações ou indivíduos, preferem consumir o que é dos outros dando em troca muito pouco. E por isso os mais poderosos fazem guerra onde está o petróleo, o gás natural, as riquezas, às vezes para se apossarem às vezes para defenderem a presa.

No Fórum Económico Mundial, os movimentos ecológicos, os grupos pela paz, e as organizações não governamentais, tem vindo a falar de outro tipo de soluções: sobretudo falam em partilha e distribuição de riqueza.

Entretanto a voz dos países mais pobres pouco eco tem no mundo. Tardamos em perceber que a solução Americana, ou Europeia, está esgotada, e que fazer a guerra semeia uma revolta que um dia há-de explodir.

Penso isto quando penso no futuro. Não penso em bens que afinal são a continuação do sistema que faliu. Mas se tivermos de começar pelos bens para um dia chegar à partilha, pois comecemos.

*João Crisóstomo
Amarna, Verão de 2003*